

Assignatura

Assignatura em Ovar, semestre 500 rs.
Com estampilha..... 600 rs.
Fôra do reino accresce o porte do correio.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração
Rua d'Arruella n.º 119

O POVO D'OVAR

Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs. a linha.
Annuncios e communicados, a 5 reis a linha.
Pepetições,..... 20 rs. linha
Annuncios permanentes 5 »
Folha avulso..... 40 reis

Director e editor—Francisco Fragateiro

Administrador—Antonio José Pereira Zagallo

Séde da imprensa
Rua da Fabrica, n.º 11—Porto.

As sentenças e a revolta

Produziram uma impressão dolorosissima as sentenças que condemnaram os revoltosos do Porto, applicando-lhes penas em extremo rigorosas.

Comparando estas com as que estão soffrendo os jornaes republicanos, que publicam artigos de ataque contra o rei, vê-se que as instituições monarchicas entraram n'um periodo de lucta franca com as idéas revolucionarias e procuram esmagar estas com a lei.

Com relação aos castigos da imprensa já alguns jornaes fizeram confrontos deveras significativos. Se um arruaceiro espanca um individuo, resultando impossibilidade de trabalho por oito ou dez dias para o offendido, é condemnado em dez ou quinze dias de prisão: se um larapio furta alguns objectos no valor de cinco ou seis mil reis é condemnado em um mez de cadeia. Se um jornalista escreve um artigo contra o rei, mesmo sem o intuito de offender, é-lhe applicada a pena de seis mezes de prisão, o minimo, e 500\$000 reis de multa. Por esta forma o arruaceiro e o larapio merecem mais protecção da sociedade do que o jornalista, que escreve segundo as suas convicções e julgando cumprir com o seu dever.

E' symptomatico tal estado de coisas. Quando um regimen se vê obrigado a lançar mão de medidas energicas, como as que vemos, mal lhe vae.

A' energia das penas corresponde sempre uma certa opposição social, que se não disfarça, nem mesmo se encobre facilmente. Contra as apparencias de illegalidade, com que os poderes publicos revestem os seus actos, nasce a vontade de reagir—é a lucta a arruinar os alicerces da Ordem, no seu trabalho de sapo.

Todas as revoluções sociaes percorrem os mesmos tramites, e se uma ou outra, com rara felicidade, consegue fazer excepção, ha-de mesmo depois da victoria pagar o seu tributo de sangue. As perseguições e as victimas caminham na vanguarda, com bandeira apregoando a nova ideia e concitando o favor popular. Toda a perseguição propelle á resistencia: as victimas chocando o coração do povo, arrastam a sympathia.

Quando os tribunaes, feitos alçadas, enviam para o degredo, para o cada'also ou sepultam nos carceres levas de individuos, a través do paiz passa, como uma corrente electrica, um grito de compaixão, um sentimento de tristeza indefinida.

E esse grito e esse sentimento conquistaram n'uma hora mais deptos para a causa republicana,

na, do que a propaganda dos seus correligionarios feita durante annos consecutivos.

A condemnação foi o segundo acto da tragedia que ensanguentou as ruas do Porto.

Todos presentem que a revolta ainda não está esmagada. Lá fóra vive um grupo de emigrados esperando impacientemente o momento da lucta para se lançar na defeza do seu ideal: cá, vive, aguardando esse momento, um grupo numeroso, embora indisciplinado e mal conhecendo a sua força: os politicos monarchicos continuam seguindo a politica de corrilhos, deixando caminhar as finanças para a bancarrota da qual estamos apenas a dois passos.

A tragedia do Porto ainda não terminou.

Esperemos pelo ultimo acto.

Selvagerias

Era visto.

D'esta vez o «Ovarense» retractou perfeitamente o procedimento do administrador do concelho, na aggressão da malta ao policia fiscal Veiga.

E' costume d'elles, auctoridade e jornal, desvirtuarem sempre os factos, para o effeito de attribuirem o crime á victima, quando os aggressores são seus correligionarios. E isto tem por fim unir mais estreitamente a malta pelo laço dos crimes, formando como que um pacto.

D'ahi vem contarem o facto pela seguinte forma:—o policia Veiga entrou no estabelecimento do sr. Manoel Salvador para dar um varejo nos generos sujeitos ao imposto do real d'agua. Ora o dono do estabelecimento, porque andava avençado com a fazenda oppoz-se e d'ahi veio o policia aggreddir a sabre todos os individuos, que alli se achavam, pelo que a auctoridade deu a competente participação em juizo.

Esta narração tem o unico defeito de ninguem acreditar n'ella.

Vamos ao desmentido.

Em primeiro logar—o policia Veiga não foi ao estabelecimento de Manoel Salvador para varejar os generos sujeitos ao real d'agua, mas para apreender baralhos de cartas vendidas sem sello, como se provou pela venda feita á creança, que primeiro foi á loja.

Em segundo logar—não foi o policia Veiga que aggreddiu: foi a troupe que estava dentro da casa onde o dito policia estava desacompanhado.

Quem é que pode acreditar que um homem só, apenas armado de terçado aggreddiu uns poucos de individuos, isto dentro de um estabelecimento do aggreddido?

Demais: que razão tinha o policia Veiga para aggreddir essa gente, que nem sequer conhecia, porque ha pouco mais de 26 dias é que veio transferido para Ovar, terra sua extranha?

Veja-se o disparate da accusação que se faz ao empregado.

E «Ovarense» ainda para não perder o seu mirifico systhema, vae ainda iusultando o empregado, que apenas quiz cumprir com o seu dever. Tambem ninguem espera outra coisa. Perprete a malta qualquer crime: arrastem na ao tribunal, para ahí lhe serem exigidas as responsabilidades, e de lei, do jornal, sahirá como unico desforço o insulto réles, pequeno, asqueroso:—e nunca uma argumentação seria, levantada. Não é gente para tanto.

Jornal e auctoridade—*arcades ambo*—arremessaram para a policia a responsabilidade de uma aggressão e de abusos no exercicio e cumprimento dos seus deveres, dando para testemunhas aquelles, que dentro da loja assistiram entrarem no feito, em todo o caso companheiros de Manoel Salvador.

E' que apesar do facto se ter dado a dia claro e em plena praça, pensavam os defensores da malta, que, além dos que mencionam para testemunhas, ninguem mais tinha visto. Ora não se lembravam de que logo em frente do local se achava as grades da cadeia e d'alli os presos haviam presenciado tudo, podendo o referir.

Foram palmadas algumas testemunhas, mas ainda ficaram aquellas: e não houve tempo de as corromper.

Por isso, apesar das embrulhadas e dos officios a responsabilidade ha-de apurar-se a breve trecho e no fim veremos—*rirá bien qui rirá le dernier*.

Ao sr. governador civil continuaremos a perguntar se é justo que uma villa, como a nossa continue a ser joguete d'uma malta, que encontra todo o appoio na auctoridade administrativa?

A auctoridade administrativa levanta a perseguição contra as victimas e dá elementos aos criminosos para se defenderem perante o poder judicial.

E' a anarchia da ordem, succedendo á anarchia e desordem nas ruas. Espanca se e accusa-se. Commette-se uma aggressão e depois participa-se um crime falso—dois crimes juntos.

Nós não podemos continuar assim. E' necessario pôr um freio

aos demandos da malta, que por ahí tripudia, fazendo gala dos seus crimes.

Com respeito aos factos da noite de entrado não encontram uma unica resposta para os nossos argumentos. Não que a verdade transparece bem viva.

Comtudo, para alguma coisa dizerem, continuam a agglomerar insultos uns após outros, sem geito, sem arte e sem nexo. O «Ovarense» desde que passou a taes mãos, cahiu no lodo e já de lá não sae—insulta e não sabe mais.

Foge de discutir o assumpto e vae para os factos praticados durante a epocha da primeira auctoridade administrativa nomeada interinamente pelo governo regenerador.

Venham de lá todas as accusações, que nós estamos promptos a discutil-as o a mostrar que não se fez mais do que cumprir a lei, strictamente a lei, afóra muitos favores feitos aos adversarios. Foi por isso que essa administração reversificou muito das anteriores, foi por isso que immediatamente se sentiu a sua influencia pacifica. Emquanto o que era arruaceiro entrou á força na ordem, a gente séria e honesta viu sempre garantidos os seus direitos.

A verdade é que a auctoridade d'então nem sequer procurou fazer valer vinganças, que lhe haviam de ser desculpadas porque eram ligitimas. Poz completamente de parte a perseguição constante e aturada, que lhe tinham feito durante 4 annos, para sómente vêr que era necessario fazer entrar na ordem uma villa e um concelho. Se taes resultados se conseguiram pôdem-no dizer todos, que viram um espectáculo bem differente do que agora se presencia.

Nós dissemos que durante essa epocha sómente as creanças e os arruaceiros, como taes reconhecidos, eram apalpados.

E o «Ovarense», para destruir a nossa affirmativa, diz que foram apalpados o sr. dr. Araujo, João Maria Gomes Pinto e um outro em que agora nos abstemos de fallar. Ainda bem que na sua collecção encontra apenas tres pessoas para nos citar. Ora nós é que lhe podiamos citar dezenas e dezenas de pessoas n'aquellas circumstancias, que foram apalpadas pelas auctoridades progressistas anteriores áquella regeneradora. Esta se quizesse defendia-se com semelhante procedimento, mas não quer.

Não é verdade que o sr. dr. Araujo e João Maria Gomes Pinto fossem apalpados pela auctoridade regeneradora ou por seu mandado. Na primeira noite em que o administrador do concelho dr. Francisco Fragateiro, quando fazia a policia, encontrou o sr.

dr. Araujo dirigiu-se a elle e pediu-lhe que d'então em diante não andasse armado, porque, sendo medida geral, tinha por fim terminar com o constante tiroteio que se ouvia de noute pelas ruas.

O sr. dr. Araujo respondeu-nos ou não ando armado, pôde apalpar-me.

O administrador replicou—nunca, sei os meus deveres para um collega. Limite-me a fazer-lhe este pedido.

D'ahi por diante o sr. dr. Araujo e o sr. João Maria Gomes Pinto andaram sempre, como os outros cavalheiros, tranquillamente, sem ninguem se embarçar com elles.

Não nos consta que uma só vez fossem apalpados ou se lhes fizesse a menor desconsideração.

Se o fóram que digam onde e quando.

E' respondendo clara e precisamente, que nós damos o exemplo.

Quando nos accusarem procedam da mesma forma.

Alludem no «Ovarense» a um incendio do Luzo—digam claro e francamente o que isso quer dizer. Se é accusação, ponham-na em termos que se entenda.

Franca, até hoje, fugimos ás responsabilidades dos nossos actos.

Pratical-os e dizer que foi o secretario isso serve para quem serve.

Novidades

Semana Santa.—Muita concorrência nas ceremonias da Semana-Santa na igreja matriz da villa.

Muito pequena a procissão de sexta-feira. Sahi demasiado tarde e por isso perdeu muito o seu bello effeito.

Na procissão de penitencia de quinta-feira á noute vimos um espectáculo deveras selvagem. Era um irmão terceiro, que, no centro da procissão se ia azourragando com uma corda. Aquillo já se não pôde tolerar nos nossos tempos, e bom era que a auctoridade competente o tivesse prohibido. Se o homemsinho se quer penitenciar, que se penitencie em casa, á sua vontade, mas não offerecendo ao publico uma scena pouco edificante.

Trabalho no mar.—Dizem-nos que o trabalho da pesca na costa do Furadouro principiará n'esta semana, caso o não o permita.

Anima os nossos pescadores o lucro obtido em um lanço na costa do Torreira.

Que o seu trabalho seja bastante productivo é esse o nosso grande desejo.

O espancamento — Da desordem a que no numero antecedente nos referimos, não sobrevieram outras consequências além da impossibilidade do trabalho por dez dias.

Correu por vezes que era perigoso o estado do offendido Rezen-de, quando só por cautella os dignos facultativos deixaram o seu prognostico para o exame de sanidade.

D'esta vez o serão ainda se ficou apenas por uma simples policia correccional.

Ainda bem.

Mortandade. — A villa voltou ao bom estado sanitario, sendo normal a mortandade.

O principe Jeronymo — Pouco depois da ultima proclamação da republica em França, o principe Jeronymo Napoleão, ha dias fallecido, traçara em conversa os seguintes perfis de politicos francezes:

— *Gambetta*, no fundo, é um bom homem, que gosta de viver em paz. Não tem a crueldade que muitas vezes é indispensavel aos politicos. E' sentimental, como todos os gordos. Ha-de reinar — chegará a primeiro ministro, mas será um leão amoroso e deixará que lhe cortem as garras e lhe arranquem os dentes.

O sr. *Ferry*, esse é outra cousa.

Tem a frieza do cirurgião que corta impassivel pelas carnes do proximo, sem que o commovam os gritos do padecente. Ainda não disse a sua ultima palavra, e, quando a disser, ou alcança um triumpho ou dá comsigo em terra de uma vez. O que acontecerá — não sei, mas em todo o caso o certo é que elle não deixará que o enterrem vivo.

De *Cassagnac*, não ha que dizer — é apenas um bom zuavo pontificio.

Uma exposição internacional em Barcelona.

— A administração municipal e o Circulo artistico de Barcelona abrem no dia 23 do proximo abril uma exposição internacional n'um vasto palacio construido por occasião da exposição de 1889.

A maior parte dos pintores e esculptores hespanhoes devem tomar parte n'ella assim como um grande numero de artistas estrangeiros. Especialmente a França será largamente representada n'esta exposição e o pintor barcelonez muito conhecido José Luiz Pellicer está n'este momento em Paris, com a missão especial de recolher adhesões.

Conjunctamente com a exposição de bellas artes, a villa de Barcelona organisa uma grande exposição horticola que comprehenderá não só plantas e flores, mas tambem todo o material e os instrumentos que respeitam á industria das flores.

A hydrophobia — Em 22 do corrente falleceu na Murtosa uma criancinha de tres annos, filha de Matheus Zarco, que havia sido mordida ha seis mezes por um cão damnado.

Morte de um alienado

Terça-feira, 24, falleceu no hospital do Conde de Ferreira, no Porto, um pobre doido que alli fóra recolhido em igual data de 1883, sendo o segundo alienado admittido n'aquelle hospital.

Horriavel assassinato — **Mulher morta a facada.** — Na noite de sabbado para domingo foi commettido um horriavel assassinato, seguido de incendio em Lille.

De manhã manifestou-se um incendio n'um predio de Gilson. Quando penetraram no quarto de uma mulher chamada Dielgens, os bombeiros depararam com ella, morta, deitada sobre o leito.

A principio julgou-se que a mulher tivesse morrido asphixiada, mas feita a autopsia, verificou o medico pelas feridas que lhe encontrou na garganta que ella fóra morta a facadas.

As suspeitas do crime recahem sobre o marido da victima.

Um drama em Sévres

— Vivia em Sévres um velho um velho muito conhecido chamado Francisco Gressier. Contava 71 annos e exercia a profissão de jardineiro. Tal era, porém, o seu vigor, que nunca lhe faltava trabalho.

Tinha enviuvado em 1888 e ha um anno, approximadamente vivia com uma jornalista chamada Luisa Lajoie, de 31 annos. Essa mulher era pouco amiga do trabalho, sendo por isso o velho forçado a trabalhar incessantemente para prover ás necessidades do *ménage*. Disto resultavam frequentes questões entre os dois.

Desde domingo os vizinhos não tornaram a vêr Francisco e Luisa e na terça-feira ultima, impellido por um triste presentimento, resolveram averiguar que destino tinham tido.

Bateram-lhe á porta, mas não receberam resposta alguma. Fôram então avisar o commissario de policia que se apresontou no local mandando arrombar a porta do predio onde os dois viviam.

No meio da cosinha, Luisa Lajoie jazia sem vida, estendida com o rosto para o soalho e no meio d'uma grande poça de sangue.

O cadaver estava rigido, denotando que a morte devia ter tido lugar muitas horas antes. Tinha na garganta um profundo golpe que se estendia de orelha a orelha. A morte devia ter sido instantanea. Não havia o menor vestigio de lucta.

No quarto de dormir, suspenso da porta por uma corda velha e usada, via se o cadaver do velho. Proximo, no chão, viam-se cahidas uma pequena mesa e uma cadeira, manchadas de sangue.

As auctoridades estabeleceram assim o crime:

O velho estava deitado quando Luisa chegou de fóra. Levantou-se e, collocando-se por detraz d'ella sem que a sua victima desconfiasse de coisa alguma e, com um unico golpe de navalha de barba, dado com um vigor e uma firmeza admiraveis para tão avançada idade, cortou o cerco a garganta da desgraçada que cahiu sem proferir um grito. Esta hypothese, parece ser a mais verdadeira porque as feições da victima não accusam a menor alteração.

Depois Grassier foi fechar a navalha n'uma gaveta da mesa da cosinha, onde a encontraram cheia de sangue, e enforcou-se.

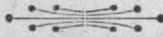
Luisa Lajoie era uma mulher de costumes faceis e um pouco dada a bebidas.

Este drama emocionou profundamente a pacifica população de Sévres.

Doença. — Adoeceu o sr. padre Francisco d'Oliveira Baptista.

Desejamos-lhe as melhoras.

Na Irlanda Despachos de Dublin, em data de hontem dizem que os cavalleiros do Luar haviam envenenado na vespera á noite, todas as vacas de um lavrador de York, porque este se recusava a dar asilo a um caseiro expulso pela "Crow-Barbrigade," ou brigada de evicção ao serviços dos landlords.



CORRESPONDENCIA

PORTO, 26 DE MARÇO DE 1891

(Correspondencia particular)

Conflicto com a guarda municipal

Por volta das 6 horas da tarde de hontem, 25, deu-se um sério conflicto no Campo 24 d'Agosto, entre alguns soldados da guarda municipal e outros d'infanteria 18, que tomou em poucos momentos o aspecto de um grave tumulto, prestes a occasionar funestas consequências. Eis como testemunhas presencas e sobremodo insuspeitas nos relatam o occorrido:

Atravessavam n'aquella occasião a feira de S. Lazaro tres soldados impedidos de officiaes do estado-maior d'infanteria 18, montados, quando de um grupo de municipaes, entre elles um á paisana, partiram chufas e grosseiras dirigidas aos primeiros, que não lhes soffrendo o animo deixar passar sem o devido correctivo semelhante atrevimento, exigiram immediatas satisfações aos provocadores, passando em seguida e vias de facto e estabelecendo-se rapidamente o conflicto.

A multidão que havia então na feira e que era consideravel convergiu logo para o local da desordem, não tardando a collocar-se do lado dos impedidos do 18, a quem dava toda a razão (diz o *Journal de Noticias*).

Felizmente apparecem o sr. tenente Pinheiro, d'este regimento, que ordenou aos impedidos que se retirassem, ordem a que elles promptamente obedeceram.

Mas nem por isso a multidão socegou. Ao contrario, começou a dirigir insultos aos municipaes, mimoseando-os com emporrões pouco tranquillizadores para elles.

O sr. tenente procurando socegar o povo, intimou os municipaes a que o acompanhassem, levando-os para o quartel da bomba, á rua do Bomfim, onde ficaram.

A população, não se conformando com aquella retirada, seguiu-os, arremessando-lhes pedras e levantando repetidos morras á municipal. Só a muito custo é que os dois soldados conseguiram recolher-se n'aquella estação.

Longe de dispersar, a multidão conservou-se depois á porta, repetindo sempre os gritos de morras á guarda municipal e não attendendo aos conselhos que lhe dava o official para dispersar.

Sendo assim ameaçadora a attitude popular, foi chamado um piquete de cavallaria da municipal. Pouco depois appareceu alli uma força de seis praças de

cavallaria, logo em seguida outra de doze praças tambem de cavallaria e por ultimo mais outra de trinta praças de infanteria.

A chegada d'estas forças o povo abriu passagem distanciando-se para longe um grupo de populares, que continuou com os «morras».

Comparecendo tambem alli o sr. commandante, tenente-coronel Sarmento, ordenou que os dois soldados entrassem no meio de uma força de cavallaria e seguissem assim para o quartel do Carmo.

Vendo isto, o povo redobrou na sua attitude ameaçadora, e então o sr. commandante ordenou que uma força de cavallaria DESSE UMA CARGA afim de dispersar os populares.

Houve então um alvoroço enorme. Pela rua do Bomfim o povo corria em tropel, procurando refugiar-se nos portaes, isto atabalhoadamente, n'um panico indistinctivel.

A provocação partiu, pois, dos municipaes, o que não admira, porque — toda a gente o sabe — tem sido elles sempre os causadores das desordens, conflictos e tumultos em que entram, como se observou em tempos que ainda não vão longe com o extincto regimento de caçadores 9 especialmente, com os outros corpos da guarnição d'esta cidade, com os academicos, etc. etc.

E, no entanto, ainda por ahi ha alguns adutores dos guardas municipaes desde os fataes acontecimentos de 31 de janeiro, dia talvez unico em que elles apenas cumpriram o seu dever; e cumpriram-o porque estavam debaixo de fórma, sob as ordens superiores e obedecendo ao commando de officiaes fieis e distinctos, senão quem sabe o que teriam feito...

Collocados em um ponto elevado e defendidos por duas esquinhas que lhes serviam de trincheiras, é claro que as forças da municipal estiveram de muito melhor partido do que os insurrectos na refraga da rua da Santo Antonio. Ao passo que estes recebiam as balas a peito descoberto, sem terem um resguardo ao menos, aquelles estavam a salvo dos projectis do inimigo. E deve attender-se tambem á circumstancia importantissima de serem as tropas insubordinadas surprehendidas pelas descargas da guarda quando menos as esperavam, o que causou desde logo uma enorme confusão.

Não se póde crer, portanto, que os municipaes sejam mais valentes nem mais dignos de régio galardão que as tropas que se conservaram fieis; e é para lamentar que só tenham havido elogios e benesses para a guarda e esquecimento e desprezo para as demais tropas que cooperaram para o restabelecimento da ordem.

Esta desigualdade e distincção inexplicaveis dão origem a que muitas praças da municipal abusem, e serão a causa de conflictos futuros. A quasi totalidade do povo portuense não morre d'amores pela guarda, como se sabe, e essa antipathia póde um dia attingir as raizas do odio e explodir como um vulcão de lava.

Será bom, pois, que a municipal reprima os seus furores, os seus impetus bellicosos, deixando de promover conflictos e de carregar sobre o povo, porque esses excessos podem um dia ser perigosos para todos.

O nosso conselho nada tem de ironico; é sincero.

Nada mais por hoje.

F. L.

Litteratura

EM VINTE CLICHÉS

— Como, desgraçado, dizia eu a Bertrand, consentiste que a tua mulher partisse só para Aix! E contudo, mais de mil vezes me disseste que ella te dava varios motivos de receio pela sua *coquette-rie*, pela sua leviandade e sobre tudo pela acção incontestavel da sua belleza fulgurante.

— F'ra de duvida, me respondia o meu amigo, Bertha é linda como os amores, tem uns olhos meigos, um satânico desejo de agradar a toda a gente, que dá comigo em doido, mas então!... O medico prescreveu-lhe muito terminantemente o uso das aguas de Aix... n'esta occasião era-me impossivel abandonar o negocio Tamonel, uma empreza que póde vir a render-me milhões; de sorte que não tive remedio senão deixar-a partir sosinha... mas tomei as minhas precauções.

— Ah! Ah! Conta-me isso.

Convém que saibas, continuou Bertrand, que as agencias Tricoche e Cacolet têm nos ultimos tempos aperfeiçoado maravilhosamente os seus instrumentos e o seu systema de informações. Antigamente, contentava-se a gente com um pequeno boletim diario que relatasse os factos e os gestos da esposa, desde que se erguia até que se deitasse, e *vice-versa*...

... — Sobre tudo *vice-versa*.

— Como queiras, mas esses boletins podiam ser falsos. Um individuo, por exemplo, offerecia vinte francos por dia a Tricoche para saber toda a verdade; nenhuma prova porém se podia obter de que por seu lado, a mulher não offerecesse quarenta a Cacolet para adormecer quaesquer suspeitas. Hoje porém muda o caso de figura. Graças á photographia instantanea, a verdade apparece triumphante. Todos os dias, sem o saber, a esposa passa diante do objectivo e igualmente todos os dias a agencia envia ao marido uma collecção de provas que lhe permitem seguir passo a passo a sua cara metade em todos os actos da sua existencia honesta ou accidentada. Não é maravilhoso?

— Perfeitamente. Mas de noite... parece-me que os clichés mais interessantes devem faltar-te.

— De noite opera-se como de dia, graças ao pó de magnésium inflamado por faisca electrica. E' a infancia da arte. Assim, ainda agora acabo de receber o pacote de clichés que representam o dia de hontem; são vinte. Se' queres vamos ambos examinal-os.

— Bravo! Bravo! Isso deve ser interessantissimo.

Pega na lente que está sobre a meza, e attenção, vou abrir o embrulho.

Bertrand, um tanto commovido, desatou um volumoso pacote que estava sobre a meza, armei-me com um vidro de augmento e a inspecção começou.

— Repara, aqui está o numero 1, nove horas — Bertha acaba de levantar-se, na villa des Glai-

euls, Avenida Victoria, chega á janella na sua matinée de gaze, guarnecido de seda.

—Provavelmente olha o tempo?

—Não. Volta a cabeça sorrindo, na direcção de Paris! evidentemente está a pensar em mim.

—Evidentemente.

—Numero 2, dez horas. — Ella lá está ao pé da grade, com a sua jaquetinha de flanela branca, abrindo sobre um collete que eu muito bem conheço. Repara como lhe fica bem o chapéu Watteau, de palha, levantado ao lado por um lacinho de veludo.

—Adorável.

—E sempre só; nota bem, meu amigo, sempre só. Vejamos agora o numero 3, dez horas e um quarto, na estrada de Marlioz.

—Tá! Tá!... Parece-me que ha um encontro com um sujeito de respeitaveis bigodos.

—E' verdade... reconheço o. E' um dos nossos bons amigos, M. de Joyeuse, capitão de couraceiros. Não sabia que estava em Aix.

—E' o mesmo ficas agora sabendo.

Já vês como é pratico este systema de photographia: não escapa nada. Mas nota, meu caro, como o capitão cumprimenta respeitosamente de chapéu na mão.

—Nota. Mas mostra-me o numero 4, dez horas e meia. — Ah! Lá caminham elles ao lado um do outro pela estrada de Marlioz.

—Ah! estou tranquillo. Bertha vae tomar o douche; não tem remedio senão separar-se. Com effeito, olha, onze horas, lá se despedem á porta do estabelecimento e Joyeuse segue o seu caminho. Bravo!

—Não achas que o couraceiro tem ares de quem está contente? Ora examina-lhe a physionomia com a lente, ao passar na avenida do parque.

—Evidentemente pensa em alguma coisa alegre; os couraceiros estão sempre muito alegres.

—Fazes-me favor, mostra-me depressa o numero 6—Estou ansioso por ver dar o douche.

—Patife! Então cuidas que pago ao meu agente para te tirar clichés libidinosos; não, não, contempla antes a minha formosa Bertha, fresca como uma roza, voltando ás onze horas e meia pela grande avenida sombreada de platanos. Numero 7, entra na villa de Gaieuls, Numero 8, meio dia. Que me dizes a esta toilette de gaze côr de roza com florsinhas verdes... e a este chapéu de passio guarnecido de flores do monte entre as quaes se aninham andorinhas? Oh, este chapéu, este chapéu!

—Vamos, tem juizo. E aonde é que vae tua mulher, assim tão cheinha de elegancia?

—Vae almoçar á villa des Fleurs. Só, sempre só. Aqui temos o cliché nono. Eil-a á meza na sala que dá sobre a praça. Come ovos de Foedora e um filete grelhado. Conhece-se-lhe bem o bello appetite de mulher nova e robusta. Cliché decimo, uma hora... Ah, cá volta o couraceiro!

—Deixa-me ver. E' verdade, é elle. Traz um bouquet de cyclamnis. Instala-se á meza e toma um copito de não sei que.

—De kummel. Bertha adora o kummel. Cliché numero onze, uma hora e um quarto. Lá accende um cigarro... Ah, d'isto Não gosto eu. Uma coisa d'estas, assim em publico, chega a ser des-

caramento. E' verdade que, como se sabe, n'uma estação de aguas... Mas embora, á primeira vista, e para quem não esteja ao facto das coisas como eu estou; este couraceiro e esta rapariga, sentados á mema meza e ambos a fumar... sim decididamente o cliché numero onze produz pessimo effeito.

—E o numero onze?

—Aqui está, sóbem ambos para uma carruagem descoberta... Mas onde diabo irão elles? E' o numero treze que nos vae tirar de duvidas. Duas horas, mettem se n'uma canôa no lago de Bourget. Eu bem sabia que não havia nada a receiar.

—Devo observar-te que não levam barqueiro. Tua mulher põe-se á cana do lemo.

—De Joyeuse rema muito bem. Com elle não ha perigo. Oh, c'o a bréc! não tinha pensado. n'isto. E' que o agente lá fica na praia, e o barco vae desapparecendo a olhos vistos. Numero quatorze. O barco é apenas um ponto imperceptivel sobre o lago. Por quem és, amigo, tu que tens boa vista, pega na lente, grande e examina bem. Bertha ainda segura a cana?

—Espera... Sim, quer-me parecer que ella lá tem nas mãos uma especie de cana... Mas é uma coisa tão pequena, tão vaga que eu não posso bem precizar...

—Emfim ó a legria! estamos de volta com o numero quinze cinco horas. O barco começa a avolumar e chega por fim ao Grand-Porto. Bertha não me parece fatigada, e o chapéu de passio está no seu logar... não achas?

—Acho; mas safal como Joyeuse está caçado!

—Não vês que elle remou, meu amigo, remou com toda a força. Não fazes ideia de quanto é custoso puchar aos remos n'este lago do Bourget. Elle é a maresia, elle é o vento, elle são as correntes irresistiveis... o diabo emfim.

—Pois sim, não duvido, mas vamos ao decimo sexto cliché.

—Numero 16, sete horas—Bertha de volta a villa des Gaieuls, torna a sahir para jantar. Só, completamente só, bem vês, a minha rica mulhersinha! Pego a tua attenção para o seu lindo vestido de foularde verde, e o magnifico mantelete bordado a vidrilhos, o chapelinho á Luiz XVI, de palha de Italia, envolto n'um véu de tulle branco, e tendo ao lado rosas lindissimas e atraz esse vistoso tufo de plumas pretas como o crest do principe de Galles. E' ou não é bonito? Dá-me vontade de largar o negocio Taponel e partir amanhã para Aix.

—He! He! Talvez não fizeses mal.

—Numero 17 oito horas da noite.—Aqui o meu agente teve de operar com o magnesium. A prova é menos nitida. Não obstante, distingo perfeitamente Bertha sentada a uma grande meza no terrado do Casino, em numerosa companhia. Lá estão os Folangui, Baupertuis, o general Pousaille, a velha duqueza O'Kelbassing... Estimo bem que a duquza lá esteja.

—E o couraceiro?

—Tambem lá está ao lado de Bertha, mas porta-se delicadamente.

—Não te parece que elle está proximo de mais...

—Não, não... é a meza que é estreita. Prova numero dezoito

onze horas da noite. Diabo lá sahem Joyeuse e a minha mulher de braço dado pela grande avenida Victoria. Bem sei que, á noite, é de uso offerecer-se o braço, é da mais stricta cortezia... Contudo, meu bom amigo, não estou á vontade. O suor goteja-me na fronte... Não me atrevo a vêr o resto...

—Então! animo, que diabo!

— Ah! olha, olha! gritava-me Bertrand triumphante. Cliché numero 20, meia hora da noite. Berta fecha a grade da villa des Gaieuls o Joyeuse retira-se só. Ouf! Até que finalmente me vejo aliviado de um grande peso. Mas ainda não estou em mim.

—Eu olhei com attenção este ultimo cliché admirado por vêr que Bertha ao empurrar a grade, já não trazia o vestido verde, mas a matinée guarnecida de seda.

— Ah! que quer dizer isto! exclamei de repente, eu vejo aqui o cliché 18 que representa o acompanhamento e o cliché 20 que representa a retirada; mas a colleção não está completa. Que é feito do cliché 19? E que fariam elles durante o cliché 19?

Bertrand ficou por um momento interdito; com um sorriso de confiança acrescentou:

—Ora adeus! E' que o agente enganou se na numeração. (Traducção.)

Julho—90. CHICO.

Annuncios

A. A. SOARES DE PASSOS

POESIAS

7.ª edição revista, augmentada e precedida

d'um

ESBOÇO BIOGRAPHICOS

por

A. X. RODRIGUES CORDEIRO

1 vol. br... 300 rs.

Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou val do correio A' Livraria—Cruz Coutinho—Editora. Rua dos Caldeireiros, 18, e 19—Porto.

DRAMAS DO CASAMENTO

por

XAVIER DE MONTEPIN

VERSÃO

de

Julio de Magalhães

4 volumes illustrados com chromos e gravuras

a 450 reis por assignatura

Cadernetas semanaes de 4 folhas e estampa, 50 REIS

A distribuição começará em 3 de maio proximo.

Brinde a todos os assignantes

EDITORES BELEM & C.ª
26, Rua do Marechal Saldanha
26—LISBOA.

O ESPETRO

Pamphleto hebdomedario

Publicação semanal

DEPOSITO GERAL

Livraria Civilisação,
rua de Santo Ildefonso, 12,

Em Lisboa, travessa de
Santa Justa, 65, 2.º

ASSIGNATURA

Anno.....	2\$400
Semestre.....	1\$200
Trimestre.....	600
Mez.....	200

Avulso 50 reis

A' venda em todas as livrarias e kiosques.

AGENCIA FUNERARIA

Rua da Graça — OVAR

SILVERIO LOPES BASTOS, acaba de estabelecer uma agencia funeraria pelo systema do Porto, tendo todos os aprestes para funeraes os mais modernos e mais economicos que até hoje se tem inventado; n'esta casa encontrarão os snrs. doridos caixões já armados desde o mais barato até ao mais rico que se pôde fazer; habitos desde a mais fina seda até ao mais baixo algodão; corôas de flores artificiaes, de perolas e de zinco, desde o melhor ao mais barato, fitas de seda desde a mais larga á mais estreita, guarnições douradas, artigos de cartonagem e palheta, sodas lisas e lavradas e emfim um lindo e variado sortido de objectos proprios para funeraes.

Poderão pois os snrs. doridos apresentar as suas ordens n'esta casa e duas horas depois terão o caixão, habito e tudo o que necessitarem sem o mais leve incommodo, tendo para isso pessoal competentemente habilitado.

PREÇOS RESUMIDOS

O MARIDO

A melhor producção de

ÉMILIE RICHEBOURG

EDIÇÃO ILLUSTRADA COM CHROMOS E GRAVURA

Cadernetas semanaes de 4 folhas e estampa, 50 réis

Brinde a todos os assignantes

Uma estampa em chromo de grande formato

representando o

PALACIO DE CRYSTAL DO PORTO E SEU JARDIM

Com as margens me-
de 60 por 73 centime-
tros.

Brindes a quem pres-
cindir da commissão de
20 p. c. em 3, 10, 15, 20
e 40 assignaturas.

Editores: BELEM & C.ª

Rua do Marechal Saldanha, — 26

LISBOA

OS MYSTERIOS DO PORTO

POR

GERVAZIO LOBATO

Romance de grandes en-
sacção, illustrado com
magnificas phototypias.

Condições de assignatura

No Porto e em Lisboa distribuir-se ha semanalmente, com irreprehensivel regularidade, um fasciculo de 48 paginas, ou 40 e uma phototypia, pelo modico preço de 60 reis cada fasciculo, pago no acto da entrega.

Para as provincias, a remessa será feita quinzenalmente, com inexcadivel regularidade, aos fasciculos de 88 paginas e uma phototypia, pelo diminuto preço de 120 reis cada fasciculo franco de porte, pago adiantadamente.

Para fóra do Porto e Lisboa não se envia fasciculo algum sem que previamente se tenha recebido o seu importe, que poderá ser enviado em estampilhas de 25 reis, vales do correio ou ordens de facil cobrança.

Recebem-se assignaturas na livraria da Empreza Literaria e Typographica, editora, rua de D. Pedro, 184 Porto, para onde deve ser enviada toda a correspondencia, franca de porte.

Agente em Ovar—Silva Cerqueira.

NOVO

DICCIONARIO UNIVERSAL

PORTUGUEZ

Linguistico, scientifico, biographico,
historico, bibliographico,
geographico a mythologico etc.

COMPILADO

por

FRANCISCO DE ALMEIDA

EDITORES E PROPRIETARIOS

TAVARES CARDOZO & IRMAO

Largo de Camões 5 e 6

LISBOA

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

O NOVO DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ contem 2:424 paginas, divididas por dois volumes.

A distribuição será feita em entregas de 96 paginas, tres vezes em cada mez.

Podemos garantir a regularidade da publicação, visto a obra estar completa, toda esteotypada e muitas folhas já impressas.

Os senhores assignantes não correm pois o perigo de ficarem com uma obra incompleta, como tantas vezes acontece.

Em Lisboa e Porto a distribuição é feita em domicilio. Nas demais terras do reino a expedição faz-se pelo correio, recebendo-se anticipadamente o importe de qualquer numero de entregas.

O preço de cada entrega é de 120 réis.

Fechada a assignatura o preço será augmentado com mais 20 por cento.

Toda a correspondencia dirigida aos editores e proprietarios Tavares Cardozo & Irmão, Largo de Camões 5 e 6—Lisboa.

A AVÓ

POR

ÉMILE RICHEBOURG

Romance traduzido da nova edição correcta e augmentada pelo auctor

A avó, o romance mais bello de Émilie Richebourg, deveria ter para os seus capitulos apenas os seguintes titulos:

Orgulho, maldição, arrependimento e remorso, expiação, avó, mãe e filha.

N'esta obra, commovedora pelas peripecias extraordinarias que a revestem, quasi toda a acção gira, com a duração tremenda de seculos, em torno dos tormentos d'uma fidalga em quem a soberba e o orgulho da sua origem suffocaram os sentimentos de mãe, para a deixarem mais tarde na solidão desconsolada e fria d'uma existencia despida dos carinhos que não são a meia vida dos velhos.

Mãe sem filha... avó sem neta... tal é a esmagadora synthese dos indscriptiveis pezares d'essa orgulhosa, só muito tarde santificada pelo arrependimento e pelas lagrimas—lagrimas terribes que farão vibrar de enternecimento todos os leitores de coração.

Não queremos antecipar-nos ao que a leitura d'esse estudo d'um coração de mulher reserva aos nossos assignantes, mas desde já podemos asseverar que no seu espirito ficarão gravadas recordações indeleveis suavizadas pelo desfecho sublime da avó.

Os editores Belem & C.^a de Lisboa, previnem os seus estimaveis assignantes, de que este bello romance, o mais interessante que sahio da penna de Richebourg, está sendo vertido para a nossa lingua, não do primitivo romance, mas sim da edição que agora viu a luz, augmentada com grande numero de capitulos novos, que lhe desenvolveram a acção, dando-lhe interesse sempre crescente, com uma nova parte extensa e admiravelmente bem engendrada, e com muitas gravuras e chromos, que juntos ao texto, o elucidam e lhe dão um relevo e colorido attrahentes.

Fique, pois, assente, e os nossos leitores terão occasião de o verificar, que a nova obra em nada se parece com a traducção já feita por um jornal de Lisboa, traducção executada sobre o joeelho e resumida, o que representou uma córte lamentavel nas passagens mais importantes d'esse extraordinario romance.

Sairá em cadernetas semanais de 4 folhas e estampa 50 réis.

Brinde a cada assignante no fim da obra

Grande vista de Lisboa, em chromo, tirada do Tejo, à vol d'oiseau. Representa com a maior fidelidade a magestosa Praça do Commercio, em todo o seu conjunto as ruas Augusta, do Ouro e da Prata, Praça de D. Pedro IV, theatro de D. Maria II, o Castello de S. Jorge, as ruinas do Carmo, etc. Mede em extensão 72 por 60 centimetros, e é incontestavelmente a mais perfeita vista de Lisboa, que até hoje tem apparecido.

Nossa Senhora de Paris por VICTOR HUGO

Romance historico illustrado com 200 gravuras novas compradas ao editor parisiense

EUGÈNE HUGUES

Depois dos MISERAVEIS é o romance NOSSA SENHORA DE PARIS a obra mais sublime de Victor Hugo. Cheio de episodios surprehenentes, dn'uma linguagem primorosa, a sua leitura elevase ao espirito ás regiões sublime do bello e inunda de entusiasmo a nossa alma, levando-nos a tributar ao grande poeta francez a admiração mais sincera e illimitada

A sua traducção foi confiada ao illustre jornalista, portuense, o dxc.^{mo} sr. Gualdino de Campos. A obra completa constará d'um volume magnificamente impresso em papel superior, mandado expressamente fabricar em uma das primeiras casas de Milão.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

A obra constará de 1 volume ou 18 fasciculos em 4.^o, e illustrada com 200 gravuras, distribuido em fasciculos semanais de 32 paginas, ao preço de 100 réis, pagos no acto da entrega. Para as provincias o preço do fasciculo é o mesmo que no Porto, franco de porte; mas só se acceptam assignaturas vindo acompanhadas da importancia de cinco fasciculos adiantados. A casa editora garante a todas as pessoas que annuariam qualquer numero de assignaturas, não inferior a cinco, e se responsabilisarem pela distribuição dos fasciculos, a commissão de 20 por cento. Acceptam-se correspondentes em todas as terras do paiz, que dêem abono á sua conducta.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a

LIVRARIA CIVILISACÃO

Eduardo da Costa Santos, editor

4, Rua de Santo Ildefonso, 4

PORTO

LIVRARIA CHARDRON

A reproducção desleal, feito no livro BOHEMIA DO ESPIRITO editada pelo sr. Costa Santos, das obras abaixo mencionadas, prejudicando a sua venda, obriga esta casa editora e proprietaria a fazer uma grande reduccão nos preços das mesmas.

GRAND RABAIS

CAMILLO CASTELLO BRANCO

CARTA DE GUIA DE

CASADOS, por D.

Francisco M. de Mello (Prefacio) Avulso 360—180 réis

A ESPADA D'ALEXANDRE... 240—120 »

LUIZ DE CAMÕES, nota biographica av. 400—200

SENHORA RATTAZZI

1.^a edição..... av. 160—60 »

SENHORA RATTAZZI

2.^a edição..... av. 200—100 »

QUESTÃO DA SEBENTA (aliás

Bollas e Bullas: Notas á Sebenta do dr.

TODA A COLLECÇÃO 600 REIS

Todas estas obras foram vendidas

sem diversas epochas pelo auctor fallecido Ernesto Chardron.

LUGAN GENELIOUX, successores, Clerigos, 970—PORTO.

A C. Callisto... av. 60—30 »

Notas ao folheto do dr.

A. C. Callisto... av. 60—30 »

A Cavallaria da Sabenta..... av. 100—50 »

Segunda carga da cavallaria..... av. 150—75 »

Carga terceira, treplca ao padre..... av. 150—75 »

O ESPETRO

Pamphleto hebdomedario

Publicação semanal

Depositos em Portugal

Livraria Civilisacão, rua de Santo Ildefonso, 12.

Em Lisboa, travessa de Santa Justa, 65, 2.^o

ASSIGNATURA

Anno..... 2\$400
Semestre..... 1\$200
Trimestre..... 600
Mez..... 200

Avulso 50 réis

A' vendo em todas as livrarias e kiosques.

Gazeta dos tribunaes administrativos

Publica-se por series de 12 numeros, devendo publicar-se regularmente 2 numeros em cada mez.

Conterá, além d'accordãos de diversos tribunaes de primeira e segunda instancias, artigos sobre direito e forma de processo, especialmente administrativo. Publicará tambem a legislação mais importante que se fór promulgando, já no proprio jornal, já em separado, se este a não poder conter, mas sem augmento de preço para os senhores assignantes.

Preços da assignatura

Por serie de 12 numeros (6 mezes)..... 1\$200

Por duas series (um anno) 2\$400

Não se acceptam assignaturas por menos de 12 numeros, pagas adiantadamente.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Redacção da «Gazeta Administrativa» — Villa Real.

Pelos paquetes de primeira ordem dão-se passagens gratuitas a individuos solteiros, homens ou mulheres, que tenham mais de 17 e menos de 51 annos de idade, para diferentes terras dos Estados Unidos do

BRAZIL

e principalmente para o Rio de Janeiro e S. Paulo.

Os passageiros que embarcarem n'estas condicções não contrahem vida alguma pelos beneficios recebidos, podendo empregar livremente a sua actividade laboriosa no trabalho que mais lhes convenha.

Solicitam-se e apromptam-se os documentos necessarios e respectivos passaportes, para os passageiros, e prestam-se todos os demais esclarecimentos. Dirigir unicamente:

EM OVAR

Serafim Antunes da Silva

Rua da Praça

N. B.—N'esta agencia vendem-se passagens para todos os portos da Africa Portugueza, por paquetes portuguezes de primeira ordem.

Os compromissos effectuados pelo agente principal ou por seus agentes são compridos com rigorosa promptidão, segurança e boa fé. Exportam-se mercadorias e embarcam-se passageiros pelos portos de França e Hespanha.

MANUAL

DO

PROCESSO ADMINISTRATIVO

Comprehendendo a forma do processo de todas as especies da competencia dos tribunaes administrativos districtaes, desde a sua origem nas diversas repartições, com todos os modelos e formas que lhe são concernentes.

pelo

DR. AUGUSTO CESAR DE SÁ

JUIZ DE DIREITO, SERVINDO NO TRIBUNAL ADMINISTRATIVO DE VILLA REAL

Este livro, unico até hoje escripto sobre processo administrativo, e da maior utilidade não só aos que lidam no foro, mas até mesmo ás corporações administrativas e administrações do concelho, publica-se por entregas de fasciculos de 32 paginas, Preço de cada fasciculo, 120 réis.

Póde ser requisitado a Raul de Sá—Editor do MANUAL DO PROCESSO ADMINISTRATIVO—VILLA REAL.

Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Peruambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros portos do Brazil



Vendem-se passagens a preços muito reduzidos para todos aquelles portos dos Estados Unidos do Brazil.

Tambem se dão passagens gratuitas para os portos acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulheres e familias inteiras, ficando livres de quaesquer compromissos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer trabalho e residirem onde quizer.

Vendem-se tambem a preços commodos passagens para os diversos portos da Africa Portugueza, Occidental e Oriental.

Preparam-se todos os documentos necessarios e apromptam-se gratuitamente.

Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assignados agentes das companhias se lhes dirijam para obter qualquer passagem.

Os agentes em Ovar,

Antonio da Silva Nataria

Antonio Ferreira Marcellino.



Pelos paquetes a sahir de Lisboa todas as semanas, dão-se passagens gratuitas a familias de trabalhadores ou lavradores, compostas de marido, mulher, avó ou avó com seus filhos, genros, netos ou enteado's, para diferentes terras dos Estados Unidos do

BRAZIL

e principalmente para o Rio de Janeiro e S. Paulo

EM AVEIRO

a Manuel J. Soares dos Reis

19—Rua dos Mercadores—23.